



## AS DIFERENÇAS EDUCACIONAIS COMO PROPULSORAS DA EXCLUSÃO

Mirian Letícia Mazzardo Dantas\*

Orientadora: Sandra Maria Mattar Diaz\*\*

Muito se discute a diversidade na contemporaneidade brasileira, porém, quando se trata do ambiente educacional o assunto é atenuado. Isso se deve ao fato de ainda existir um modelo tradicional de educação que se baseia na homogeneidade, padronização e tradicionalidade, na qual os alunos que estão inseridos dentro da escola geralmente não são protagonistas no processo de ensino e aprendizagem. Essa homogeneidade exclui o que não é considerado normal, o que foge do padrão social e que comumente é caracterizado como um problema que deve ser resolvido (CANDAUI, 2011).

Essas diferenças estão presentes dentro e fora da escola, mas muitas vezes a própria instituição trata a cultura pessoal como um elemento externo, assim, a carga cultural que o aluno traz de casa e da sua convivência extra sala de aula é deixada de lado para que a educação científico-pedagógica prevaleça, fazendo com que a similitude seja cada vez maior e excluindo as diferenças que caracterizam cada estudante como ser social.

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é apontar algumas causas da exclusão dentro da escola, partindo do pressuposto da diferença presente no ambiente escolar, como as diferenças de gênero, etnia, classe social e cognitiva, o foco principal se dará as diferenças cognitivas, já que é um dos maiores problemas enfrentados dentro das escolas, pois geralmente não há estrutura para a inclusão desses alunos.

A homogeneização que ocorre na escola não é assunto recente, assim como a inclusão. Mas, quando se trata a inclusão não se pode apenas culpar a escola, já que esta segue um padrão existente há anos e, por mais que haja interesse em mudar, não há muito que fazer, já que todo o financiamento vem do Estado. A escola pública e gratuita segue os modelos da escola do século XIX, assim, é encarregada de criar um único povo, excluindo as diferenças existentes entre as pessoas, considerados como iguais perante a Lei. Ferreira,

\*Graduanda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Campus Curitiba. CAPES. Contato: [mirianmazzardo@gmail.com](mailto:mirianmazzardo@gmail.com)

\*\*Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, professora de Sociologia, orientadora do PIBID/Ciências Sociais e coordenadora do Curso de Ciências Sociais PUC/PR, campus Curitiba. Contato: [s.mattar@pucpr.br](mailto:s.mattar@pucpr.br)



2001 (*apud* Candau, 2011).

Essa padronização veio como forma de tornar todos iguais, mas essas medidas servem mais como forma de exclusão do que de equidade, já que os alunos, muitas vezes, não compartilham a mesma vivência fora da escola, seja financeira, familiar ou cultural. Um exemplo disso é que em diversos casos, a única refeição que o aluno faz é na escola, enquanto existem alunos que não passam por essa situação.

Neste trabalho, utilizarei como metodologia o referencial bibliográfico e também o relato de experiência, já que possuo contato com escolas diferentes, sendo elas do PIBID e do Estágio Supervisionado III. Para diferenciar as escolas serão definidas como "A" e "B", respectivamente, para que não haja necessidade de revelar seus nomes. A escola "B" possui um grande quadro de alunos com algum laudo detectado, podendo ser epilepsia, TDAH, hiperatividade, retardo mental, bloqueio cognitivo, super dotação em alguma área do saber, dentre outros CID'S. Na escola "A" percebi poucos alunos com dificuldade de aprendizagem, mas um aluno em especial me chamou a atenção. Aluno da primeira série do Ensino Médio é deficiente físico e tem dificuldade para se expressar, mas mesmo assim, é pró ativo dentro de sala de aula, buscando sempre se atualizar em relação às notícias e sempre é participativo nas discussões em sala de aula.

Durante uma aula de Sociologia, ele foi o único aluno que teve maior participação e, enquanto ele falava, os demais alunos zombavam de sua atitude. Toda vez que ele se pronunciava era possível ouvir dos outros alunos risadas e comentários desagradáveis sobre esse aluno. O professor responsável pela turma não tomou nenhuma atitude e mesmo que o outro professor presente em sala de aula pedisse para os alunos prestarem atenção e não zombar do colega, eles continuavam e, no decorrer da aula, foi ficando cada vez pior.

No intervalo, esse aluno nos procurou e disse que não precisávamos nos preocupar com aquela situação, já que ele estava acostumado com isso, pois segundo ele, acontecia todos os dias e em todas as aulas.

Já na escola "B", no período da tarde, boa parte dos alunos possuem laudo, assim, o rendimento não é tão grande como o esperado, já que nas salas de aula existem alunos com e sem laudo, dividindo a turma. Em uma das turmas um aluno possui sete CID's



identificados, segundo relato de alguns professores, essa turma é a mais difícil para se trabalhar, já que fora esse aluno, existem mais outros alunos com algum CID. Perguntei para alguns professores o que é feito para se trabalhar nessa turma, muitos responderam que dão aula para quem quer aprender. O professor de História respondeu que muitos outros professores reclamam que os alunos não fazem as atividades, mas nas aulas ministradas por ele, grande parte faz as atividades e entrega nas datas previstas.

A escola possui sala de reforço no contra turno e é ministrado por uma professora psicopedagoga, que trabalha principalmente as áreas da matemática e do português.

O que se pode notar de semelhante nas duas escolas? Acredito que seja a falta de preparo de alguns professores para trabalhar com os alunos considerados de inclusão. Mas a "culpa" não é única e exclusivamente dos professores, já que ambas as escolas não possuem estrutura para atender esses alunos.

O docente é responsável por auxiliar na formação da identidade do aluno, sua metodologia e prática profissional devem ser voltadas a realidade do aluno, a realidade do colégio e também da comunidade. Ele deve ser mais do que um comunicador do conhecimento, ele tem que mediar e auxiliar o aluno à reflexão e permitir que ele tenha autonomia na aprendizagem.

Pimenta (1996) em seu artigo "Formação de professores - saberes da docência e identidade do professor" faz uma crítica relacionada à formação do professor, tanto na formação inicial quanto na formação continuada. Ela afirma que o currículo formado não aproxima o docente da realidade do aluno. Isso nos faz pensar: para que formar professores? É cada vez mais necessário que existam professores para mediar à construção da cidadania dos alunos, fazendo com que o fracasso escolar seja superado.

A mediação do professor não pode ser a reprodução da matéria, como observado nas escolas, partindo de alguns profissionais da educação, a reprodução do conteúdo reflete diretamente na formação do aluno e no funcionamento das organizações escolares. A formação inicial não pode se distanciar da realidade do meio escolar, caso isso aconteça, a prática profissional de educar dificulta a formação de uma nova identidade do professor.

Cabe salientar também que a instituição que forma o docente não é responsável



diretamente pela metodologia utilizada pelo mesmo dentro da sala de aula. Sabemos que a formação cultural do indivíduo tem grande peso sobre a sua ação como profissional.

Por esses motivos, é sempre necessário que o professor esteja atualizado, tanto nos conteúdos (metodologias) como também no que está acontecendo na escola e na comunidade, assim, a mediação da aula torna-se mais funcional. É importante também que o professor aprenda a confiar no aluno, pois o aprendizado que ele tem não se forma só em sala de aula, pois ele é um sujeito que está inserido em um contexto social que pode ou não ser diferente da vivência do professor. Os relatos dos alunos também são importantes para a construção da identidade docente e da diminuição do fracasso escolar.

Sendo assim, é importante repensar o processo de ensino e aprendizagem, desde a formação docente até o trabalho efetivo como profissional da educação. Mattar (*et al* 2017) pontuam alguns problemas que desmotivam os professores em sala de aula, como o número elevado de alunos em sala de aula, o salário baixo, a precarização da infraestrutura escolar, dentre outras coisas. Apesar de todos os problemas encontrados no percurso escolar, é preciso fazer com que o aluno tenha participação ativa na escola, também é necessário que ele possa se sentir parte do ambiente escolar, que tenha sua cultura e sua vivência respeitada e que possa usá-la para aprender de alguma forma, pois mesmo que tenha algum bloqueio cognitivo, ainda é um Ser Humano que possui sentimentos, que é capaz de sorrir, de chorar, de amar e de se expressar, como qualquer outra pessoa.

Palavras-Chave: Educação. Diferenças. Formação docente.

## REFERÊNCIAS

- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano Escolar e Práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, pp. 240-255, Jul/Dez. PUC-RIO, 2011.
- LIMA, Angela; MATTAR, Sandra; FUENTES, Jorge. Trabalho Docente e os Desafios do Estágio nas Licenciaturas de Sociologia/Ciências Sociais. **ENESEB**, 2017.
- PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores - Saberes da docência e identidade do Professor. **R. Fac. Educ.** v. 22, n.2, p. 92-89. Jul/Dez. São Paulo, 1996.